

Resenha do livro: Zahavi, Dan. *Phenomenology: the basics*. New York: Routledge, 2019.

Susiane Kreibich¹

Em seu livro, *Phenomenology: the basics*,² Dan Zahavi apresenta uma introdução à fenomenologia, buscando expô-la de forma acessível. O livro enfatiza, principalmente, as semelhanças entre os trabalhos de Husserl, de Heidegger e de Merleau-Ponty, mas também apresenta as relações da fenomenologia com outras áreas do conhecimento. O livro é dividido em três partes: I) Questões fundamentais, apresenta uma visão geral do que é a fenomenologia; II) Análises concretas, oferece exemplos e modelos de análises fenomenológicas; e III) Fenomenologia aplicada, expõe como a fenomenologia foi aplicada além da filosofia. Ao final, Dan Zahavi apresenta sugestões de leitura, um glossário e um index.

A primeira parte, *Questões fundamentais*, se divide em seis capítulos. O primeiro, apresenta a fenomenologia como uma análise filosófica dos fenômenos, isto é, dos diversos modos de aparição de um objeto – objeto físico, obra de arte, melodia, outro ser humano etc. – articulada com a investigação das estruturas compreensivas que permitem aos objetos se mostrarem como aquilo que eles são. Também discute aparência e realidade, mostrando a distinção entre como os objetos podem aparecer para um olhar superficial, e em melhores circunstâncias, por exemplo, como os objetos podem aparecer em uma investigação científica.

O segundo capítulo se volta à intencionalidade da consciência. A consciência é intencional, pois se direciona a objetos e eventos que a transcendem e são distintos dela. O capítulo apresenta distinções entre: 1) atos linguísticos (pensar e falar sobre objeto), 2) atos pictóricos (ver imagem do objeto), e 3) atos perceptivos (experienciar o objeto). A intencionalidade perceptual tem primazia, visto que fornece o objeto em sua presença corporal. Em seguida, discute questões relacionadas à representação e causalidade, mente e mundo, e realismo e idealismo, mostrando que intencionalidade perceptiva não é

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Em 2003, Dan Zahavi publicou uma pequena introdução à fenomenologia em dinamarquês que foi traduzida para o alemão (2007), para o islandês (2008) e para o japonês (2015). Em língua portuguesa, foi publicada com o título *Fenomenologia para iniciantes* (2019), pela Editora Via Verita. A edição aqui tratada, publicada em língua inglesa (2019) é uma versão reescrita, resultando em um trabalho mais desenvolvido e com acréscimos. A tradução de termos do inglês para o português é de nossa responsabilidade.

representação, mas uma forma de apresentação, e a relação mente-mundo não é pensada em termos causais. A consciência forma o âmbito no qual o mundo aparece, pois, experiência intencional e objeto intencional são essencialmente relacionados. Mente e mundo são distintos, mas interdependentes e inseparáveis: o mundo é essencialmente externo à consciência e essencialmente relativo à consciência.

As considerações metodológicas são tratadas no terceiro capítulo. A discussão se dá a partir da formulação husserliana “voltas às coisas mesmas” e das interpretações sobre o significado da formulação e o objetivo da fenomenologia. Após, é apresentado o método que consiste na *epoché*, suspensão da atitude natural, seguida da redução transcendental, análise sistemática da correlação entre subjetividade e mundo. A *epoché* envolve a suspensão de uma atitude dogmática em relação à realidade, ao status metafísico do mundo tomado como subsistente. A redução transcendental possibilita descobrir os atos intencionais e as estruturas experienciais e revela as contribuições subjetivas para a constituição do mundo. Por fim, apresenta o que se entende por filosofia transcendental.

O quarto capítulo discute ciência e mundo da vida. Como a fenomenologia está interessada na investigação das estruturas essenciais, o capítulo apresenta a noção de variação eidética, a qual possibilita se alcançar as estruturas essenciais de algo, e a distinção entre essências exatas (ciências exatas) e essências morfológicas (ciências humanas). Também expõe a crítica da fenomenologia ao reducionismo científico, ao eliminativismo e ao naturalismo científico. Em seguida, discute o mundo da vida, isto é, o mundo cotidiano e o âmbito pré-teórico da experiência, esquecido pela objetividade do conhecimento científico. O mundo da vida e o mundo da ciência são duas maneiras pelas quais o mundo real aparece. A ciência não pode entregar um relato absoluto da realidade, uma vez que o mundo da experiência possui seus próprios critérios de investigação.

A discussão fenomenológica é aprofundada no quinto capítulo, mostrando que a fenomenologia pode ser entendida como uma área em expansão contínua, seja com expansão de foco ou com desenvolvimento vertical. É discutido o trabalho inicial de Husserl e como este se desenvolve, considerando gênese e historicidade. Por exemplo, com a fenomenologia genética, relativa à vida experiencial de um ego individual; e com a fenomenologia generativa, que investiga o papel constitutivo da tradição e da história. Também trata da fenomenologia de Merleau-Ponty, na qual é dado maior destaque à corporificação e à facticidade, e se repensa a divisão tradicional entre transcendentalempírico, mente-mundo; e da fenomenologia de Heidegger, que

desconstruiu concepções metafísicas da tradição, como a noção cartesiana de ego. Além disso, o desenvolvimento da fenomenologia se distingue em 1) fenomenologia superficial, que se concentra diretamente na correlação entre tipos específicos de objetos e atos intencionais específicos; e 2) fenomenologia profunda, que busca descobrir como a atividade intencional do sujeito é fundada e condicionada por diversos processos de passividade que ocorrem em uma dimensão profunda da subjetividade. Por fim, expõe a fenomenologia do invisível de Michel Henry.

O prefácio da *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty é o foco do sexto capítulo. Na tentativa de responder à pergunta “o que é fenomenologia?”, Merleau-Ponty apresenta quatro maneiras de entendê-la: 1) caracterizada por certo essencialismo; 2) como filosofia transcendental; 3) como ciência rigorosa que descreve o mundo da vida; e 4) como disciplina descritiva. A partir disso, se discute “às coisas mesmas” e a ideia de que o mundo não é cindido da subjetividade e da intersubjetividade. Por fim, apresenta a tarefa da fenomenologia que consiste em pensar mundo, sujeito e intersubjetividade em seu nexos abrangente, tendo a autorreflexão crítica como sua constante.

A segunda parte, *Análises concretas*, se divide em dois capítulos e apresenta exemplos através do uso de modelos de análises fenomenológicas. O sétimo capítulo discute espacialidade e corporificação. A discussão da espacialidade se dá a partir da noção de espaço tratada por Heidegger em *Ser e Tempo*: 1) espaço tridimensional da geometria euclidiana e 2) espaço que se desenrola no contexto pragmático, isto é, espacialidade. Esta, constitutiva do *Dasein*, tem o caráter de “arrumar espacializante”, e configura-se como orientação e dis-tanciamento. Orientação refere-se ao direcionamento ou perspectiva do ser-no-mundo do *Dasein*. Dis-tanciamento refere-se ao distanciar o afastamento, isto é, deixar o ente vir ao encontro na proximidade. Já a noção de corporificação é tratada a partir da noção de corpo vivido, o qual configura-se como o ponto zero experiencial, o “aqui” absoluto em relação ao qual cada objeto que aparece é orientado. A distinção fenomenológica entre o corpo como subjetivamente vivido (*Leib*) e corpo físico (*Körper*) possibilita experienciar e entender o mesmo corpo a partir de perspectivas diferentes: corpo como sujeito e corpo como objeto.

O oitavo capítulo discute o problema da intersubjetividade e da socialidade. De modo geral, no tratamento da intersubjetividade, as abordagens possuem pontos acordados: 1) caráter intersubjetivo da linguagem; 2) intersubjetividade é uma relação entre sujeitos, cuja análise deve incluir a perspectiva em primeira pessoa; e 3) requer uma análise simultânea de três dimensões interconectadas – eu, outro e mundo. O capítulo

apresenta o argumento da analogia e as críticas de Scheler e de Merleau-Ponty. Na fenomenologia, o problema da intersubjetividade se dá a partir de uma abordagem perceptiva incorporada às questões de compreensão dos outros. O outro é dado em sua presença corporal como um corpo vivido que está ativamente engajado no mundo.

Em seguida, discute a empatia (*Einfühlung*) como um tipo distinto de intencionalidade que permite a compreensão do outro e obter um conhecimento de sua vida experiencial. A empatia é uma forma básica que serve de base às formas complexas e indiretas de compreensão interpessoal. O encontro empático possibilita reconhecer o outro como outra subjetividade, uma vez que há uma assimetria entre a autoexperiência e a experiência de outra subjetividade – alteridade. Por fim, trata da crítica de Heidegger à noção de empatia a partir do ser-com. *Dasein* não é um sujeito isolado encontrando outro sujeito isolado, mas é ser-no-mundo, sempre encontrando e estando junto aos outros, atribuindo significado. São apresentados pontos levantados a partir da crítica de Heidegger: 1) uma investigação da intersubjetividade não pode apenas se concentrar no encontro presencial; 2) o mais fundamental é o encontro cara-a-cara ou compartilhar mundo? e 3) se um relato da intersubjetividade requer uma eliminação da diferença entre o eu e o outro. E as respostas às críticas a partir de Sartre, Schutz e Levinas, os quais, cada um à sua maneira, dão importância ao encontro cara-a-cara.

A terceira e última parte, *Fenomenologia aplicada*, se divide em dois capítulos e discute a contribuição da fenomenologia em outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a psicologia e a ciência cognitiva. O nono capítulo trata da sociologia fenomenológica, área que entende a subjetividade como sendo moldada pelas forças sociais, mas também moldando a realidade social. Inicialmente, apresenta nomes como Alfred Schutz, que alia a fenomenologia de Husserl à sociologia de Weber, fundando a sociologia fenomenológica. Esta, pretende analisar as estruturas essenciais do mundo da vida e oferecer um relato da forma como a subjetividade está envolvida na construção de significado social, ações e situações sociais. Já Peter L. Berger e Thomas Luckmann têm interesse em como o conhecimento é produzido, distribuído, internalizado e socialmente estabelecido, desenvolvendo, assim, a sociologia do conhecimento. Por sua vez, Harold Garfinkel aplica a fenomenologia ao realizar pesquisas empíricas, entendendo que a tarefa da etnometodologia é examinar como os agentes sociais estruturam seu ambiente social de forma significativa. O autor mostra que a sociologia fenomenológica também se volta à questão da comunidade, isto é, formação de grupos e vida comum, apresentando abordagens divergentes: 1) compreender a formação de grupos requer uma exploração de

como os indivíduos são experienciados interrelacionados; e 2) privilegiar a relação interpessoal perde o que é verdadeiramente distinto sobre a vida comum – por exemplo, a tradição compartilhada.

Oferecendo uma visão geral e heterogênea, o décimo capítulo trata de psicologia fenomenológica, pesquisa qualitativa e ciência cognitiva. A psicologia fenomenológica parte da fenomenologia de Husserl e tem a tarefa de investigar a consciência intencional de forma não redutiva, respeitando sua peculiaridade e suas características distintas. A perspectiva é em primeira pessoa, mas permanece dentro da atitude natural. Nomes como David Katz, Erwin W. Straus e Johannes Linschoten desenvolveram trabalhos nessa perspectiva. Já na psiquiatria fenomenológica, configuram nomes como Karl Jaspers, Binswanger, Minkowski e Blankenburg, cujas pesquisas têm como foco experiências humanas centrais que são acometidas por condições patológicas, tais como estrutura da experiência temporal e espacial, demarcação entre o eu e o não eu, experiência com o próprio corpo etc.

O último capítulo também trata da fenomenologia como método de pesquisa qualitativo, apresentando três abordagens mais influentes: 1) Método fenomenológico descritivo de Amedeo Giorgi; 2) Fenomenologia hermenêutica de Max van Manen; e 3) Análise fenomenológica interpretativa de Jonathan Smith. Além disso, discute a fenomenologia naturalizada e como fenomenologia e ciências empíricas podem se integrar. É Francisco Varela quem apresenta uma nova abordagem na ciência cognitiva, considerando que esta não deve ignorar a dimensão fenomenológica. A naturalização da fenomenologia tem como objetivo uma explicação natural da consciência, integrando a fenomenologia ao arcabouço explicativo da ciência natural. Nesse viés, encontram-se nomes como Varela, Thompson e Gallagher. Por fim, o capítulo expõe três casos concretos que mostram como há esclarecimento mútuo entre ambas, além de tratar de entrevista fenomenológica e discutir sugestões finais.

O livro apresenta uma excelente introdução à fenomenologia. Dan Zahavi trata de questões complexas de maneira acessível e com cuidado didático, possibilitando a compreensão dos leitores não familiarizados às questões fenomenológicas. O mais interessante é que a discussão ultrapassa o escopo da filosofia, apresentando como a fenomenologia se relaciona com outras áreas do conhecimento e como são possíveis contribuições mútuas. O livro destaca-se por seu caráter interdisciplinar e abre um leque de possibilidades de reflexão.